

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA  
INTERDISCIPLINAR

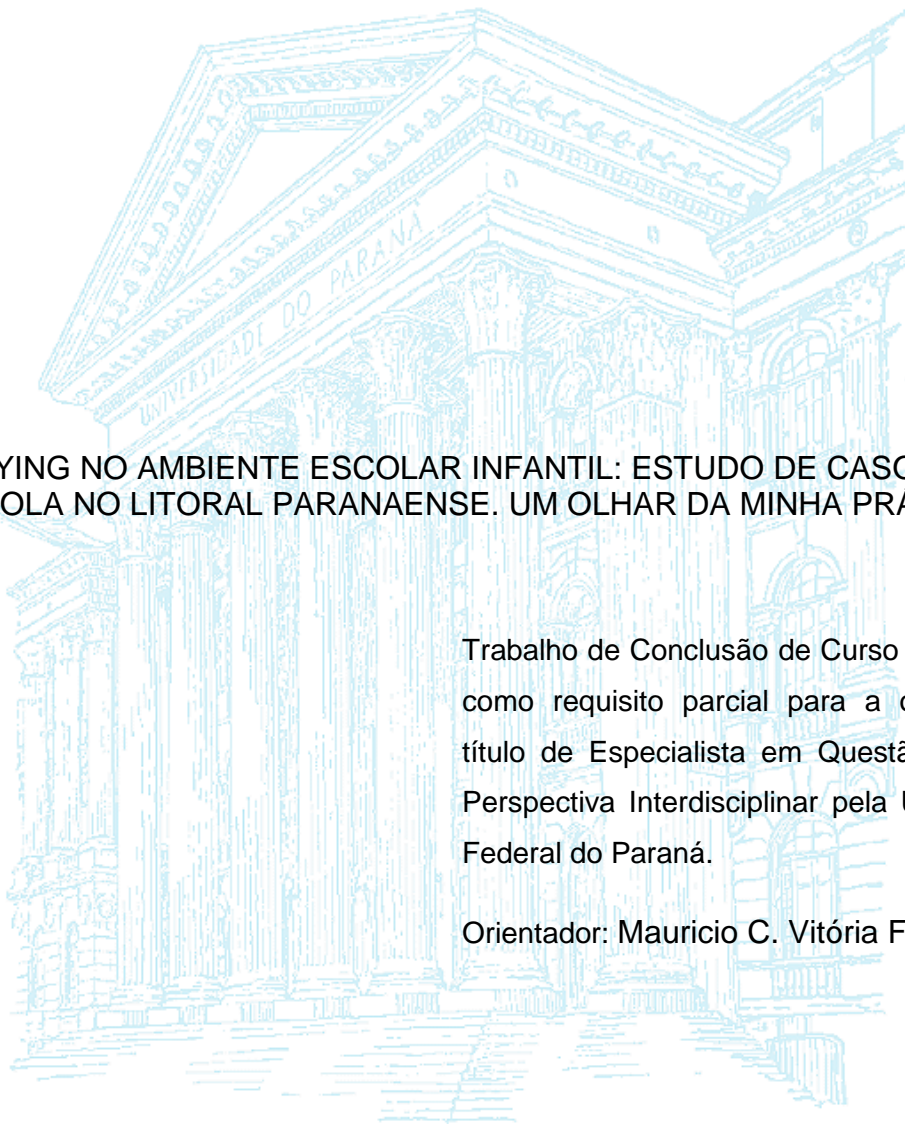


**Solange Triunfo Kehl**

O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR INFANTIL: ESTUDO DE CASO EM UMA  
ESCOLA NO LITORAL PARANAENSE. UM OLHAR DA MINHA PRÁTICA.

**MATINHOS**  
2016

**SOLANGE TRIUNFO KEHL**



**O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR INFANTIL: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA NO LITORAL PARANAENSE. UM OLHAR DA MINHA PRÁTICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar pela Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Mauricio C. Vitória Fagundes

**MATINHOS  
2016**



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
UFPR Litoral  
Curso de Especialização em Questão Social  
pela Perspectiva Interdisciplinar



## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor Doutor **MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES**, realizaram em 11/06/2016 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **SOLANGE TRIUNFO KEHL**, sob o título "*O Bullying no Ambiente Escolar Infantil*", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 11 de junho de 2016.

Prof. Dr. Mauricio Cesar Vitória Fagundes

Prof. Me. Gilson Waldor Dahmer

Prof. Me. Paulo Gaspar Graziola Junior

Solange Triunfo Kehl  
Estudante

### Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

### Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

### OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



Dedico este trabalho a Deus, às minhas amadas filhas, ao meu marido e aos mestres que acompanharam e despertaram meu interesse em aprender e crescer enquanto profissional da Educação.

*“O homem que não lê não tem mais  
mérito que o homem que não sabe ler”.*

**Mark Twain**

## RESUMO

A violência não é um elemento novo na pauta das relações entre as pessoas, no entanto observa-se que esta tem ganhando cada dia mais espaço dentro de nossa sociedade, impulsionada principalmente pela sua banalização que ocorreu com maior força nas últimas décadas. A escola, sendo um espaço que reúne as diferenças e principalmente recebe crianças provenientes de diferentes realidades financeiras e sociais torna-se um ambiente suscetível à reprodução da violência familiar e social que a criança vivencia e por vezes presencia fora de seus muros. O *bullying* é uma forma de violência que já existia no espaço escolar muito antes da adoção desta definição técnica, porém, em outro contexto social acreditava-se que sua prática era coisa de criança, ao qual os adultos não deveriam dar muita importância. Hoje sabe-se que os danos que ele ocasiona não se estendem apenas às vítimas como também aos agressores e por isso, sua prática deve ser coibida com atitudes enérgicas não somente pela parte dos professores como também da família e da sociedade. O presente trabalho buscou à luz da bibliografia produzida pontuar o relacionamento humano, a modificação do papel do aluno no contexto escolar bem como compreender porque a prática de *bullying* ganhou tanto espaço. Através de pesquisa de campo em uma Escola Municipal em Guaratuba, estado do Paraná buscou-se observar o contexto educacional bem como o comportamento e postura dos profissionais e alunos frente à esta questão importante, deixando claro que para combater, é preciso conhecer e cuidar, o que exige dos professores, trabalho extra no horário do intervalo e constante monitoramento aos alunos, para que nada escape aos olhos, buscando a proteção de todos, no respeito às suas diferenças, individualidades e direitos à um espaço saudável em todos os sentidos.

Palavras-chave: Bullying. Escola. Professor.

## ABSTRACT

Violence is not a new element on the agenda of relations between people, but notes that this is gaining every day more space within our society, driven primarily by its banality that occurred with greater force in recent decades. The school is a space that gathers the differences and especially welcomes children from different financial and social realities becomes a susceptible environment for reproduction of family and social violence that children experience and sometimes presence outside its walls. Bullying is a form of violence that already existed at school well before the adoption of this technical definition, however, in another social context it was believed that his practice was kid stuff, to which adults should not give much importance. Today it is known that the damage it causes do not extend only to the victims but also the perpetrators and therefore their practice must be curbed with energetic attitudes not only by the teachers but also the family and society. This study aimed the light of bibliography punctuate human relationships, modifying the role of the student in the school context and understand why bullying practice has gained so much space. Through field research in a municipal school in Guaratuba, Paraná state sought to observe the educational context as well as the behavior and attitude of professionals and students across the this important issue, making it clear that to fight, we need to know and care for, which requires teachers, extra work in the range of time and constant monitoring to students, so that nothing escapes the eyes, seeking the protection of all, respecting their differences, individuality and rights to a healthy space in all directions.

Keywords: Bullying . School. Teacher.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR.....</b>	<b>09</b>
2.1. O RELACIONAMENTO HUMANO E A VIOLENCIA .....	09
2.2.O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR .....	13
2.3.UM OLHAR PARA A PRÁTICA DIÁRIA.....	18
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## 1 Introdução

O ambiente escolar reflete as modificações sociais ocorridas fora de seus muros e no que tange a educação das crianças, o novo enfoque dado a ela socialmente, quando deixou de ser um adulto em miniatura e passou a ser um cidadão em desenvolvimento, também transformou a maneira como ela é tratada dentro da sala de aula e conseqüentemente o seu relacionamento com os colegas.

Sendo a escola uma das bases importantes da sociedade onde a criança aprende a interagir com os colegas e professores e forma também seus valores morais e sociais, esta se torna importante espaço onde na reunião das diferenças os conflitos aparecem e devem ser tratados com atenção.

O bullying, não é apenas um problema de relacionamento infantil, coisa de criança como era considerado no passado. Tampouco é apenas o assunto da moda. Hoje se entende um pouco melhor sua problemática e principalmente existe a consciência de que intervenções devem ser feitas no sentido de proteger as vítimas e principalmente modificar o comportamento daquele que o pratica. Ele é atualmente, um problema mundial que acontece não somente no contexto escolar como também pode ocorrer no contexto das relações familiares e trabalhistas, porém é no período escolar onde se vê suas primeiras manifestações e sendo a escola um espaço privilegiado de informação, conhecimento e ação sobre o indivíduo em formação, é interessante que esta tenha elementos para realizar intervenções necessárias e não deixa-lo impune, banaliza-lo ou ignorá-lo.

O presente trabalho buscou a luz da bibliografia historicamente acumulada conhecer melhor as modificações nas relações pessoais que intensificaram o crescimento do *bullying* no ambiente escolar, bem como observar através de pesquisa de campo a realidade em uma escola municipal em Guaratuba, estado do Paraná confrontando a prática com a teoria.



## 2. O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

### 2.1. O RELACIONAMENTO HUMANO E A VIOLÊNCIA

O relacionamento entre as pessoas nunca aconteceu de maneira completamente pacífica. As relações sociais como explica Rocha (2008) desde a Idade Média se pautavam numa minoria dominante que estabelecia as regras e usava a força e o poder para que elas fossem cumpridas. A humilhação ou castigos físicos eram o preço a ser pago por aqueles que não se enquadravam no sistema ou não respeitavam algo imposto, desta forma, o medo da exposição de forma vexatória perante todo o grupo, trazia certa ordem social, onde estava delineado quem mandava e quem obedecia.

Existem diferentes formas de violência no meio em que estamos inseridos. A violência física é a mais comum uma vez que o uso da força a torna mais nítida, no entanto a violência também pode estar manifestada na política quando atos de terrorismo oprimem a sociedade física ou ideologicamente, como também pode ser psicológica quando se observa a discriminação ou realização de ofensas, indiferença e desrespeito e também pode acontecer culturalmente quando se impõe a um grupo a negação de sua identidade e a aceitação do que está sendo imposto. Os grandes desafios da sociedade moderna estão pautados na construção de uma sociedade de paz, como salienta Fante (2005):

Um dos maiores desafios da humanidade, postergado ao século XXI, é o de extirpar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais se destaca a violência. Infelizmente, estamos vivendo uma época da história em que a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais (p.20).

O mundo atual, como segue falando Rocha (2008) está em transformação, mas as relações de poder continuam sendo estabelecidas sendo que o mais forte domina o mais fraco. Além disso, a violência está a cada dia que passa mais banalizada. Mortes, assaltos, roubos, atos de vandalismo, as manchetes de jornais do dia a dia demonstra como a vida humana tem pouco valor.

O cuidado com a criança também sofreu alterações conforme a sociedade foi sendo transformada. Capelatto (2007) explica que uma criança de dois anos não necessitava de escola há cinquenta ou cem anos atrás, pois estaria crescendo com

os vizinhos, com os amiguinhos e toda a comunidade estaria cuidando dela. Hoje as crianças não podem brincar na rua, se socializar na rua, tampouco são cuidadas pela comunidade e a escola nessa idade tornou-se um mal necessário. Embora, observa-se que também tenha sofrido alterações, ela permanece sendo uma instituição que agrega valores sociais, culturais e morais, e acompanha as modificações impostas, sendo também um espaço onde as diferenças se encontram (ROCHA 2008).

Antigamente, se acreditava – e atualmente muitos docentes e pais ainda creem – que o aluno ou filho deveria ser apenas um cumpridor de deveres. Por causa disso, ele era obrigado a ir às aulas, independentemente da sua qualidade, fazer as tarefas de casa, jamais responder ao mestre ou aos pais (mesmo quando eles eram “grossos”, não tinham razão em lhe dirigir ofensas ou estavam descontando no aluno sua raiva decorrente de problemas pessoais) (PEDRO-SILVA, 2013, p.16-17).

Até o final da década de setenta, a criança dentro da sala de aula não era um ser detentor de direitos, como explicou Pedro-Silva (2013) no trecho acima, era um ser detentor apenas de deveres, assim como o era dentro de sua casa, no seio de suas famílias e na sociedade de maneira geral. O professor dentro de sala de aula tinha o direito de utilizar inclusive castigos físicos para manter a ordem e disciplina entre as crianças e a família era conivente com as práticas escolares rígidas e opressoras. Era o padrão da época. Baseado em seu contexto. A escola era um espaço de saber e o professor tinha o seu valor social elevado. Além disso, frequentar a escola durante muito tempo foi um privilégio que, quando chegou às classes mais populares, estas reconheciam sua importância e seu valor. A implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como explica Pedro-Silva (2013) transformou a criança num senhor de direitos, havendo assim uma ruptura nos padrões onde a criança só obedecia.

Esta concepção da criança cidadã veio de encontro ao novo projeto de país, saindo do Regime Militar e fortalecendo uma frágil democracia pautada na liberdade, igualdade e fraternidade. O artigo 4 do Estatuto traduz a doutrina da Proteção Integral da Constituição Federal:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, Art.4).

Neste sentido, todas as políticas públicas passaram a voltar-se para a criança e para o adolescente, tendo nesta faixa etária a prioridade de suas intenções. A criança neste contexto deixou de ser o adulto em miniatura e passou a ser o cidadão em desenvolvimento que precisa de especial atenção da família, da escola, da comunidade e do Estado na efetivação de políticas que garantam e promovam seu bem-estar e seu crescimento saudável. A escola ideal é aquela que favoreça sua formação para a cidadania como explica Minayo (1999):

É aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social, e assim, cumpre importante papel socializador (p.114).

O cumprimento do Estatuto garantindo ao aluno não somente o acesso à escola, mas o respeito aos seus direitos morais, intelectuais e físicos aliado às novas pedagogias interpretadas de forma equivocada, fizeram com que o professor perdesse toda a sua autoridade perante o aluno, pois como segue explicando Pedro-Silva (2013) por determinado período acreditou-se que a criança aprenderia sozinha, bastando para isso ter os instrumentos à sua disposição, e teria que ter total liberdade dentro do ambiente escolar até mesmo decidindo sobre o que gostaria de aprender.

A falta de limites dentro do ambiente escolar fez crescer uma geração que além de não aprender os elementos educacionais mais básicos, aumentando as estatísticas de analfabetos funcionais, que segundo Vicente Vuolo, em matéria no site Todos pela Educação<sup>1</sup>, é uma situação vivenciada por aproximadamente vinte por cento da população brasileira, perdeu também os limites morais, sociais e familiares.

Porque as pessoas confundem limite com raiva, com agressividade. O limite é uma imposição do cuidado do pai e não uma raiva do pai. Quem não sabe dar limite agride e isso leva a sequelas. As pessoas têm medo de dar limite, porque imaginam que estão roubando o prazer do filho. Impedir uma criança de continuar vendo o desenho para que tome banho, jante ou vá para a escola significa cuidar dela. Quer coisa mais difícil que pedir para uma criança escovar os dentes? Nessa hora, temos de pegar e levar. Bater

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniao-analfabetismo-funcional/>>

porque não escovou, porque não obedeceu, isso sim traz sequelas (CAPELATTO, 2007, p.87).

Desta forma, a criança tem perdido o seu “norte”, a sua referência de limites, pois a família não lhe delimita todas as regras morais e sociais aos quais deveria compreender para conviver tranquilamente em sociedade e a escola tampouco realiza esta tarefa, uma vez que não pode impor castigos para limitar o mau comportamento da criança. Foi neste contexto conturbado que o *bullying* ganhou força, onde percebe-se claramente que os valores perderam a referência.

É oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre as suas próprias condutas em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa, que vem sendo aplicado. Nem sempre os pais se dão conta de que certos comportamentos que o filho manifesta são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares que é percebida por ele; muito menos procuram checar e refletir se o que o filho está realmente aprendendo tem relação com aquilo que “eles pensam” que está sendo ensinado (FANTE, 2005, p.12).

Importante ressaltar que o primeiro espaço de aprendizagem da criança é a sua própria casa e as primeiras pessoas com quem aprenderão a se relacionar são os seus pais, irmãos e parentes mais próximos. Desta forma a maneira como a família trata a criança irá refletir na maneira como esta criança ao iniciar seu período escolar irá interagir com os colegas.

É inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante. Não porque criam peça por peça suas atitudes e seu modo de sentir, mas precisamente, ao contrário, porque se dirigem à medida que ela desperta, a automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas contém em potência e, por intermédio deles, as relações de ordem íntima e fundamental. Assim, o social se amalgama ao orgânico (WALON, 2007, p.122).

A personalidade da criança também sofre influência com o comportamento de seus familiares, que são suas bases de relacionamento. Minayo (1999) explica:

A família é uma organização social complexa, um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem as relações primárias e se constroem os processos identificatórios. É também um espaço em que se definem papéis sociais de gênero, cultura de classe e se reproduzem as bases de poder (p.83).

Assim, a criança que convive num ambiente de agressividade já vai para a escola levando estes aprendizados, estas referências. Quando os pais são

intolerantes e batem, ela na escola reproduzirá com os colegas estes comportamentos.

## 2.2. O *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

O *bullying*, palavra da língua inglesa que delimita o “valentão” é também definido como “uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas” segundo Fante (2005, p.10). O *bullying* não é um problema social novo, ele somente existia sem a devida importância, até porque não era considerado um problema social. Quando ocorria entre crianças, e os adultos tomavam conhecimento, normalmente orientavam seus filhos a resolver o problema com violência, dando o troco na mesma moeda ou tratava o assunto como problema de indisciplina do agressor, sem a avaliação das sequelas ocasionadas pelo constrangimento e o sofrimento que a vítima de *bullying* passava (Pedro-Silva, 2013). Importante ressaltar que o *bullying* caracteriza-se também pela ação repetitiva do agressor contra o aluno alvo não sendo apenas uma situação isolada e esporádica.

O mau comportamento social da criança dentro da escola por muito tempo era apenas considerado indisciplina, no entanto Garcia (1999) fala:

O conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensa-la em consonância com o momento histórico desta virada de século (p.102).

O *bullying* passou a ser objeto de estudo na década de 70 por Dan Olweus na Noruega através da Universidade de Bergen, porém ganhou pouca importância na época. A problemática começou a ganhar maior destaque após o suicídio de alunos alvos que estavam sofrendo *bullying* que fez despertar o interesse de outros pesquisadores. O questionário elaborado por Olweus contendo 25 questões e intitulado “Olweus Bully/Victim Questionnaire” datado de 1983 começou então a ser mais difundido. Olweus (1993) discorre sobre as diferenças entre as vítimas, pois elas podem ser passivas, não apresentando comportamento agressivo e sofrendo

de baixa autoestima ou podem também ser provocativas quando reagem agressivamente e também praticam *bullying* com outras pessoas.

Em nosso país as primeiras pesquisas datam do início dos anos 2000, especialmente no ano de 2002 quando a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA<sup>2</sup>) realizou um Programa de Redução de Comportamento Agressivo entre estudantes, contando com o patrocínio da Petrobrás atingindo mais de cinco mil alunos de quinta a oitava série e melhorando o nível de relacionamento humano entre os jovens bem como o aprendizado e preservação do patrimônio no estado do Rio de Janeiro (Lopes Neto e Saavedra, 2003).

Fante (2005) também contribuiu aos estudos sobre *bullying* em nosso país quando mapeou as primeiras alusões a estas manifestações de violência no interior do estado de São Paulo.

A banalização da violência em nossa sociedade também corrobora para o que o *bullying* aumente na mesma proporção, pois o que a criança vê dentro de casa, em sua comunidade e na rua, leva para o ambiente escolar. A autoestima da criança também é outro fator chave de observação no que tange ao seu comportamento violento dentro da escola, ou repetindo o que observa em casa ou se protegendo. Além disso, é comum a vítima que se cala, dificultando a ação sobre o caso como destaca Fante (2005):

Na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns das emoções traumáticas e destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar (p.16).

O Instituto Plan realizou no ano de 2009 uma investigação intitulada “*Bullying* Escolar no Brasil” onde foram colhidos dados de 5.168 alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries em vinte e cinco escolas de todas as regiões do país verificando-se que mais de 34,5% dos meninos pesquisados haviam sido vítimas de maus tratos ao menos uma vez naquele ano e 12,5% foram vítimas de *bullying* (quando o número de agressões foi superior a três vezes). Em relação às meninas, embora os dados apontem que as agressões aconteceram em menor número: 23,9% afirmando maus tratos ao menos

---

<sup>2</sup> Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência

uma vez e 7,6% se enquadrando nos casos de *bullying* ainda assim são dados preocupantes e que demonstram que a violência está muito mais presente dentro do ambiente escolar do que deveria. As agressões também podem ser classificadas como explica Fante (2005):

A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes visando a discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social (p.50).

Torquatto (2009) também fala sobre o *bullying* dentro do ambiente escolar para que pais e mestres consigam identifica-lo e realizar as intervenções sobre ele. Além dos ataques físicos contra o corpo ou contra a propriedade da vítima (tomada ou danos a objetos) pode-se considerar também os comentários depreciativos que podem estar relacionados à roupa, à moradia, ao tipo físico, aparência pessoal, orientação sexual ou composição familiar que possuem o objetivo de diminuir ou abalar a autoestima pessoal, isolar a vítima do grupo de convívio ou apenas delinear superioridade. Fante (2005) fala sobre o comportamento comum às vítimas:

Extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma deficiência de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não-agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é "presa fácil" para os seus abusos (p.72).

A fofoca e rumores que deixem a vítima em situações embaraçosas também são considerados *bullying*, bem como a criação de apelidos normalmente baseados em uma característica única da vítima que possa deixá-la constrangida. Desta forma, professores devem estar atentos ao que acontece dentro do ambiente escolar para coibir as práticas de *bullying* protegendo as vítimas e também modificando os valores e atitudes de quem o causa uma vez que as consequências do *bullying* podem ser muito sérias.

Além de os *bullies* escolherem um aluno-alvo que se encontra em fraca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática do *bulling* agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis. Os problemas mais comuns com que me deparo em consultório são: sintomas

psicossomáticos; Transtornos do pânico; Fobia escolar; Fobia social; Transtorno de ansiedade generalizada; Depressão, anorexia e bulimia; Transtorno obsessivo compulsivo; Transtorno do Estresse (SILVA, 2010, p.25).

É importante também lembrar que não somente as vítimas serão prejudicadas com o *bullying*, pois os agressores também sofrem consequências como explica Olweus (1993): o agressor pode ter dificuldades na inserção social podendo infringir as leis dominantes e ser legalmente responsabilizado quando assume uma postura de delinquência na fase juvenil e adulta, podendo se envolver com drogas, alcoolismo e com o crime. O agressor normalmente quer ser o centro das atenções, e também é interessante pontuar que além da vítima normalmente existem os expectadores, ou seja, aqueles que assistem às cenas, deixando a vítima em situação ainda mais constrangedora. Pereira (2008) complementa: “a rejeição social que as vítimas frequentemente experienciam é um sólido indicador de problemas de ajustamento na adolescência e na vida adulta. Além os efeitos a longo prazo”. Entende-se aí a importância de não ignorar o comportamento da criança para que ela cresça de forma saudável não somente física, como intelectual e moralmente.

Aquino (1996) ressalta o importante papel da escola nas relações sociais entre os alunos:

É a partir desse processo de cooperação que o respeito unilateral pode ceder espaço para o surgimento de outro tipo de relação, que é o respeito mútuo, quando gradualmente as relações da criança podem deixar de se basear somente na obediência para se basear na reciprocidade. Essa relação de respeito mútuo poderá, então, substituir a imposição pela cooperação, e a legalidade poderá suplantar a autoridade. Assim, do ponto de vista moral, a cooperação pode conduzir a uma ética de solidariedade e de reciprocidade nas relações, que irá resultar no surgimento de uma autonomia progressiva da consciência tendendo a prevalecer sobre a heteronímia característica do sujeito egocêntrico (p.108).

A socialização no ambiente escolar deve acontecer de forma respeitosa buscando como objetivo a formação do cidadão que não só é ciente de seus direitos como também tem consciência de seus deveres e compreende que para conviver em sociedade é preciso haver respeito com as diferenças individuais. Neste sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) dão orientações:

Trata-se de oferecer ao aluno, e construir junto com ele, um ambiente respeitoso, pela aceitação; de interesse, pelo apoio à sua expressão; de valorização, pela contribuição que venha a trazer. Trata-se também, de



garantir espaço para situações específicas vividas pelo aluno em seu cotidiano fora da escola (p. 138).

Neste contexto, o papel do professor ganha primordial importância uma vez que deve estar atento ao que acontece dentro de sala de aula e fora dela também principalmente nos horários de intervalo.

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador e futuro educador (PAVAN, 2007, p.45).

O professor é a figura adulta que a criança mais terá contato durante seu período dentro da escola, é por isso que é indispensável a sua postura como explica Guareschi (2008):

É indispensável uma relação respeitosa entre alunos e professores, de forma a garantir possíveis trocas de ambas as partes e liberdade de expressão aos alunos. Muitas escolas promovem atividades e jogos em grupo como rodas de conversas, nas quais os alunos possam expor suas ideias sobre diferentes assuntos, incluindo violência, preconceito e exclusão (p.77).

Além disso, cabe a ele dentro de sala de aula propor atividades que estimulem a solidariedade, o trabalho em equipe, a cooperação, o respeito às diferenças, a tolerância e inclusive a generosidade. E estar atento, pois como pontua Oliboni (2008):

Infelizmente, são poucos os alunos alvos que procuram os educadores reclamando da situação vivenciada e pedindo ajuda. Vivendo sob ameaças e intimidações, o medo do autor invade o aluno alvo, que por consequência, contribui para que impere a lei do silêncio e seu contínuo sofrimento pela vivência do bullying. Algumas vezes os docentes até percebem as movimentações do bullying entre os alunos, no entanto, como não há reclamações ou pedidos de ajuda dos alunos, comumente, passam a entender como um gesto exclusivo de indisciplina (p.92).

A família deve estar atenta a sinais que podem demonstrar que a criança está sendo vítima de *bullying* como explica Neto (2006) a recusa de ir para a escola, comportamento melancólico ou triste, baixa no rendimento escolar refletindo nas notas, dificuldade de aprendizagem quando o histórico anterior demonstrava bom acompanhamento, isolamento, marcas físicas ou queixas de mal estar geral, por exemplo, a dor de cabeça ou de barriga que aparece justamente próxima ao horário

de ir para a escola. Pois as consequências do *bullying* levam a vítima ao sofrimento: principalmente quando diminui a autoestima, gera ansiedade e até agressividade. A atenção familiar e a intervenção são essenciais para que o indivíduo não se isole e busque na fuga social se proteger das agressões ou até mesmo tenha ideias suicidas, desenvolva fobias ou quadro depressivo. Nogueira (2005, p.101) complementa: “Quando identificados um autor e uma vítima, ambos devem ser orientados. Seus pais devem ser alertados e estar cientes que seus filhos, agressor ou agredido, precisam de ajuda especializada”.

### 2.3. UM OLHAR PARA A PRÁTICA DIÁRIA

A observação da prática diária em forma de pesquisa de campo aconteceu em uma escola pública no centro do município de Guaratuba, estado do Paraná, onde atuo como diretora da unidade escolar. Ela atende crianças enquadradas em diferentes classes de renda, com predominância da classe média baixa, oriunda das redondezas da localidade e bairros mais afastados, pela fama que conquistou anteriormente baseada em sua qualidade de ensino.

A escola atende crianças na faixa etária de quatro a dez anos de idade em turmas de Pré-escolar até o quinto ano (antiga quarta série) e conta também com atendimento à surdez tendo profissionais especializados em LIBRAS. A maioria dos professores tem curso superior na área educacional principalmente Pedagogia e também há um grande interesse na qualificação contínua com a realização de cursos de aperfeiçoamento oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação e cursos de Especialização em nível de pós-graduação. Estas constatações são importantes uma vez que a qualidade do ensino está diretamente relacionada à qualidade do atendimento prestado às crianças, ao interesse do profissional em manter-se atualizado no que tange às teorias educacionais bem como a garantia de que o profissional está tem compromisso com o seu trabalho e não se considera um ser pronto, acabado e que não tem mais nada a aprender. A escola é um espaço que reúne as diferenças e de certa forma sofre influencia das transformações da própria sociedade e comunidade onde está inserida. Para que seus profissionais não se tornem obsoletos, a atualização e a abertura ao novo conhecimento é essencial e importante elemento educacional.

O estudo e a compreensão do contexto da prática educacional também faz diferença na análise da prática, do como as situações acontecem dentro da escola e da sala de aula na relação professor e aluno e alunos com demais alunos. O estudo teórico antes da observação da prática também fez com que a teoria se elucidasse e as relações principalmente entre as crianças fossem observadas à luz de conhecimentos que demonstram que a indisciplina infantil, o não cumprimento ou adequação às regras escolares socialmente impostas são diferentes das práticas de *bullying*.

A indisciplina refere-se atualmente como se pode observar, ao relacionamento professor e aluno, quando este não quer obedecer a uma ordem recebida, quando faz algo que a professora disse para não fazer, quando se recusa a realizar as atividades que a professora solicita ou corre durante o intervalo quando a orientação é que não pratique tal ato pelo risco de acidente no concreto, enfim, ela se restringe à desobediência das regras escolares.

Já o *bullying* normalmente acontece no relacionamento entre os colegas. Embora saibamos que também exista o *bullying* contra o professor, normalmente isto acontece entre adolescentes e não entre crianças mais novas que ainda apresentam certo respeito pela figura do professor.

O relacionamento entre as crianças sempre é observado pelas professoras, elas sabem que elas são imprevisíveis e que no mesmo instante em que estão tranquilamente um ao lado do outro já pode acontecer algo, uma agressão física, um tapa e os pais cobram que os professores estejam constantemente cuidando e zelando da integridade física dos alunos.

Lembro-me dos meus tempos de escola, quando tínhamos completa liberdade no pátio enquanto todos os professores descansavam tranquilamente na sala dos professores, preparando-se para a retomada das aulas. Atualmente, esse tranquilo descanso já não existe mais. As escolas organizam escala de recreio onde algumas vezes por semana, de acordo com o número de professores disponíveis na escola, estes passarão o período de recreio no pátio para atender qualquer ocorrência e principalmente ficar atentos para que nada grave aconteça com os alunos. Este simples, e pequeno fato, já demonstra como a violência ganhou espaço no ambiente escolar, pois antes, tínhamos a liberdade, mas tínhamos também os limites, de modo que os adultos não precisavam se preocupar, estar com seus olhos sobre nós durante todo o tempo. Pois mesmo sem a sua supervisão direta tínhamos

a consciência que se aprontássemos, a professora tomaria as medidas necessárias em seguida e nossos pais também não ficariam satisfeitos. Hoje é diferente. Como falado na parte teórica, as leis que garantiram a modificação da posição do aluno no ambiente escolar, retirando o poder da professora sobre ele, fizeram aumentar a sua liberdade, no entanto, tendo uma liberdade sem limites a criança por vezes pensa que pode fazer o que quer, tanto no que tange à violência física, quanto à violência verbal (xingar o colega).

Em conversa com as professoras, elas declararam que a violência física acontece, no entanto, ocorre com menor frequência se comparada à violência verbal. O que atualmente tem acontecido muito na escola pesquisada é o *bullying* entre pares de mesma característica, ou seja, o aluno obeso que chama o colega obeso de “gordo”, ou a aluna magra que chama outra aluna magra de “magrela, seca, palito”, o aluno negro que chama outro aluno negro de “neguinho, preto” e essas práticas dentro do ambiente escolar não são aceitáveis.

A postura da escola em relação às ocorrências é num primeiro momento conversar com ambos os alunos, tanto o agressor quanto à vítima. Eles são levados à sala da orientação/direção onde há um espelho e a orientadora ou diretora conversa com eles sobre as suas próprias características físicas na tentativa de que esta criança se reconheça, se veja no outro e então compreenda que está realizando algo inadequado, não somente porque o colega não gosta, mas porque certamente ele não gostaria de que acontecesse algo semelhante consigo. No momento de conversa é importante ressaltar que se busca o autoconhecimento de suas características físicas sempre levando para o lado positivo. Por exemplo, se a criança está acima do peso, não se faz uma crítica ao fato de que ela está gordinha, mas se remete às características físicas da família, demonstrando que esta tem uma herança genética que faz com que ela seja parecida com seu pai, com sua mãe e que isso não é um problema. Busca-se elevar a autoestima da criança que agride verbalmente o colega, para que ele perceba suas características físicas pelo lado positivo, pois se observa que o que ele nota no outro, aparentemente é algo que lhe incomoda pessoalmente.

As conversas sempre são positivas, pois a criança quando tratada com respeito mesmo num momento onde ela errou, demonstra abertura emocional para ouvir as considerações que lhe estão sendo feitas, o que é diferente de uma bronca,

um castigo físico ou mesmo a retirada de algo que a criança gosta como o recreio por exemplo.

Quando o episódio acontece novamente, em caso de reincidência, ouve-se ou conversa-se apenas com o agressor. Neste caso a vítima já não será mais convidada à conversa e busca-se descobrir as razões que levam o agressor (embora este seja um termo muito forte) a continuar ofendendo o colega. Nova conversa é realizada onde se busca compreender como ele se vê, utiliza-se o espelho e mesmo nesse momento a tônica é a elevação da autoestima da criança porém enfatizando o direito do colega de ser respeitado em suas diferenças. Se mesmo assim a criança continua praticando atos desta natureza contra os colegas, as famílias são envolvidas para que possamos buscar juntas que o problema se encerre.

Todas as crianças tem o direito de ser respeitadas dentro do ambiente escolar não apenas pelos professores como também pelos colegas. A escola não poderá cumprir com os objetivos de sua Proposta Político Pedagógica quando se omite em casos onde as diferenças pessoais são motivos para chacota mesmo que aquele que ofende tem a mesma característica. É comum que a criança que sofra o *bullying* se retraia, tenha sua autoestima diminuída bem como até chegue ao ponto de não querer frequentar a escola, pois esta deixa de ser para esta criança um espaço de acolhimento e passa a ser um espaço de stress e tortura.

O acompanhamento dos professores e o cuidado para que quando algo aconteça seja tratado com a devida atenção e não de forma omissa como se fosse apenas um probleminha entre crianças, tem sido importante para que o ambiente escolar ao qual realizei minhas observações se mantenha num espaço agradável, sem problemas com a assiduidade das crianças que frequentam a escola, gostam dela, se sentem acolhidos e protegidos pelos seus professores. E da mesma forma os pais podem se sentir tranquilos na certeza de que seus filhos estão num espaço harmonioso onde os problemas são resolvidos e não ignorados.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É em conjunto com a comunidade que a escola pode e deve buscar soluções para seus conflitos internos. As crianças são seres em desenvolvimento. Precisam de limites dentro e fora de casa. Precisam respeitar as regras escolares e

compreender que não vivem num mundo onde apenas seus direitos são garantidos mas, onde seus deveres também lhe serão cobrados. A vida em sociedade é uma via de mão dupla onde todos temos direitos, mas também deveres, onde devemos respeitar para sermos respeitados.

Quando a escola permite que as crianças ajam sem controle, sendo donas de suas vontades de aprender, realizar atividades e inclusive tratar os colegas da forma como achar melhor, esta não estará cumprindo com seu papel social.

A escola não é apenas um depósito de crianças, que estão ali simplesmente para proteção e segurança enquanto os pais estão no trabalho. A escola é muito mais do que isso. Embora em pleno século vinte e um, ainda tenhamos problemas básicos de estrutura, falta de materiais, e as crianças infelizmente tem pouco acesso à informática e à internet, tão presente fora dos muros escolares, mesmo assim, a escola tem um importante papel na construção dos conhecimentos historicamente acumulados, principalmente os relacionados à leitura e à escrita, ao desenvolvimento das múltiplas inteligências bem como ao próprio relacionamento social.

A criança da sociedade moderna não cresce mais numa família com cinco ou seis irmãos, por vezes é filha única e somente no espaço escolar irá aprender a dividir seu espaço, seus pertences e a atenção de um professor com os demais colegas. Por vezes será no espaço escolar a oportunidade de conviver com crianças de sua mesma idade, de se socializar e sendo a escola um espaço que reúne as diferenças, será também neste espaço que ela terá que aprender a respeitar o outro em suas diferenças e particularidades. O que é mais do que a cor da pele, do tipo do cabelo ou do peso. Há crianças que são mais falantes outras mais reservadas, outras mais emotivas. Todas únicas, especiais em suas diferenças.

O *bullying* é um problema de saúde pública na atualidade. A única arma que a escola tem e que deve utilizar é o enfrentamento. Ela precisa encarar qualquer manifestação infantil com conhecimento adequado sabendo distinguir o que é indisciplina e o que é *bullying* entre as crianças, pois os problemas com o tempo podem se agravar.

Quando se toma atitude, quando se mostra atenta e quando através do diálogo a escola ensina seus limites e limites sociais para a criança, as chances de resolução dos problemas são grandes. O *bullying* é um mal que deve ser combatido e não pode em espécie alguma ser ignorado dentro do ambiente escolar para que

não se torne um problema mais grave durante a adolescência e a vida adulta tanto do agressor quanto da vítima.

Para viver em sociedade é preciso saber respeitar, é preciso saber conviver com o outro em suas diferenças e especificidades. A escola pretende permanecer trabalhando com o tema não somente agindo nos casos mas também como tema interdisciplinar inserido no contexto das atividades com as crianças para que elas adquiram maior consciência sobre si mesmas o que sobremaneira colabora para diminuir as ocorrências em si.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Indisciplina na Escola**: Alternativas Teóricas e Práticas. 10 ed. São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CAPELATTO, I. **Diálogos sobre a afetividade**. Editora Papyrus, 2007

CEATS/FIA - Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor / Fundação Instituto de Administração. **Bullying Escolar no Brasil**: Relatório Final. São Paulo, 2010

ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília 2005. Disponível em <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70318/64.pdf?sequence=3>> Acesso em 23 de abril de 2016.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

GARCIA, J. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 95. jan./Abr., 1999, p. 101-108. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista\\_PR/95/joe.pdf#search=%22indisciplina%20referencias%22](http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/95/joe.pdf#search=%22indisciplina%20referencias%22)> Acesso em 21 de abril de 2016

GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) **Bullyng Mais Sério do que se imagina**. 2ª. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.

LOPES NETO AA, SAAVEDRA LH. **Diga não para o bullying** – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOPES NETO, A. A. **Bullyng: Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Jornal de Pediatria, (Rio J.) nº. 81, nº.5 suppl. Porto Alegre Nov. 2005

MINAYO M. C. **Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NOGUEIRA, R. C. P.A.. **A prática de violência entre pares: o bullyng nas escolas**. Revista Iberoamericana de Educación. Número 37, jan. a abril de 2005. Disponível em: . Acesso em: 11 de abril de 2016.

OLIBONI, Sâmara Pereira. **O Bullying como violência velada: a percepção e a ação dos professores**. Rio Grande, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação Ambiental. Rio Grande, 2008.

PAVAN, L. **O papel do professor diante do bullying em sala de aula**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

PEDRO-SILVA, N. **Indisciplina e bullying**. Petrópolis. Editora Vozes, 2013.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação Para a Ciência e Tecnologia, 2ª Edição, 2008.

ROCHA, M. L. **Inclusão ou exclusão?** Produção de Subjetividade nas práticas de formação. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 3, 2008.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas – Bullying**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TORQUATTO, J. **Como identificar e resolver questões de bullying**. SP. Clube dos Autores, 2009.



WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção psicologia e pedagogia). 206 p.

VUOLO, V. **Opinião: analfabetismo funcional**. Site: Todos pela Educação. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opinio-analfabetismo-funcional/>> Acesso em 22 de abril de 2016.